

*Discurso na cerimônia de instalação  
do conselho de cidadãos representativos  
da colônia brasileira na área de  
São Francisco, EUA*

SÃO FRANCISCO, EUA, 10 DE MARÇO DE 1996

*Senhor Prefeito de São Francisco, Willy Brown; Senhor Embaixador Paulo Tarso; Senhor Cônsul João Almino; Senhores Membros do Conselho de Cidadãos; Senhoras e Senhores;*

Para mim é um dia muito feliz hoje, porque efetivamente, como disse o Cônsul João Almino, quando eu estava no Itamaraty como Ministro das Relações Exteriores, tive uma preocupação grande no sentido de que o nosso Ministério das Relações Exteriores organizasse suas atividades em função, também, dos brasileiros que vivem no exterior.

Isso para nós, brasileiros, é uma experiência nova, porque éramos um país de imigração e não de emigração e estávamos muito acostumados a atender aos cônsules-gerais da Itália, da Alemanha, da Espanha, da Polônia, no Brasil; a cuidar dos interesses dos cidadãos daqueles países, que vieram para o Brasil, e, depois, muitos deles se tornaram brasileiros.

Tínhamos uma experiência muito pequena com a realidade contemporânea, de que uma parte substancial da população brasileira, hoje, busca trabalho, educação, meios de sobrevivência financeira e,

às vezes, cultural no exterior. E nós temos que nos organizar para oferecer a esses cidadãos uma condição de vida adequada no exterior.

Não sei dizer quantos brasileiros vivem nos Estados Unidos nem ousaria dizer, porque poderíamos entrar em choque com as autoridades de imigração. Mas sei que são numerosos. Daqui, irei ao Japão. No Japão eu posso dizer, porque há uma organização mais efetiva de controle tanto de parte do Brasil quanto dos japoneses. Nós temos hoje, lá, mais de 150 mil brasileiros, a maior parte de origem japonesa, que são os chamados decasséguis, que vivem por um período normalmente curto, de dois, três anos, no Japão e voltam ao Brasil.

Quando visitei o Japão como Chanceler do Brasil, fiz questão de visitar Nagóia, cidade onde há a maior concentração de brasileiros no Japão, e também visitei a organização japonesa que cuidava da distribuição dos brasileiros naquele país. Mais tarde, fizemos acordos através da ação do Itamaraty e do Congresso Nacional, para permitir a instalação, no Brasil, de um escritório nipo-brasileiro de orientação aos brasileiros que vão para o Japão.

Por incrível que pareça, isso, à primeira vista, não foi possível, porque as leis brasileiras não podiam permitir o que se chamava, então, de aliciamento de mão-de-obra. Custou-nos explicar que não se estava aliciando ninguém, mas que, no mundo moderno, existem deslocamentos populacionais normais. E, crescentemente, será assim, não só no que diz respeito às pessoas que vão buscar recursos, porque têm dificuldades de sobrevivência, e, muitas vezes, vão substituir os nativos em trabalhos considerados inadequados para eles, mas também, em certas funções profissionais, hoje, de classe média e classe média alta, executivos e profissionais, sobretudo nas áreas de estatística, como aqui foi mencionado, e em muitas áreas científicas, cujos técnicos se deslocam pelo mundo.

Isso é o mundo contemporâneo. Vai ser assim crescentemente. Isso não é sinal de debilitamento de um país. Pelo contrário. É sinal de entrosamento do País no mundo, o que não quer dizer que eu não os espere lá de braços abertos de volta ao Brasil no momento em que queiram e no momento em que o Brasil possa oferecer condições mais

estáveis – e nós todos estamos trabalhando muito para isso –, mas precisamos entender que, a despeito da estabilidade das situações, haverá sempre um contingente das populações nacionais que se deslocará, porque isso faz parte do mundo contemporâneo, e, por conseqüência, temos que nos adaptar a essa situação. Esse Conselho é fruto disso.

Aqui, aproveito para louvar a ação do Embaixador Paulo de Tarso e, no caso específico de São Francisco, do Cônsul João Almino. Sei que não é só aqui que está se organizando. Em várias partes dos Estados Unidos, nós estamos organizando. Isso, em Boston, é importante, como é importante em Nova Iorque, na Flórida, em vários lugares. Mas é uma função fundamental da nossa diplomacia, de nossa parte, hoje, dar voz e ouvido aos brasileiros e criar condições de entrosamento e assistência mais prestante às populações brasileiras.

De modo que eu felicito este Conselho e o Consulado daqui. Espero que tenham um trabalho profícuo.

Vou lhes dizer uma coisa. Vocês têm muita sorte de viver nesta parte dos Estados Unidos. Eu vivi aqui e dizia isso ao nosso Prefeito Willy Brown. Agradeço muito, portanto, e sei que o fato de o nosso Prefeito ser quem é ajuda nesse entrosamento, que será crescente, entre esse Conselho, o Consulado e o que for necessário da cidade de São Francisco.

Eu tenho certeza de que, vivendo aqui da maneira como estão vivendo, como trabalhadores, como gente que está dedicada não só a aprender, a trabalhar, mas a respeitar também a convivência, que é tão aberta nesta parte do mundo e, sobretudo, aqui na Califórnia, é uma chance inigualável.

De modo que eu só tenho palavras de agradecimentos e de elogios a vocês todos.

Muito obrigado.

